

Targum de Is 52, 13-53, 12

Pressupostos históricos e Processos literários

Num notável artigo apresentado ao II Simpósio Bíblico Espanhol (Córdoba 1985), L. Díez Merino¹ fala-nos dos princípios orientadores da exegese targúmica judaica e da sua incidência na compreensão da Sagrada Escritura.

Para além de ser uma tradução destinada à liturgia da sinagoga, o *targum* é também uma interpretação que visa explicitar o sentido oculto da Escritura e, para tanto, recorre-se aos mais diversificados processos interpretativos ao alcance dos «meturgemans»². Embora isso se possa constatar em qualquer parte dos textos targúnicos, torna-se, todavia, mais claro nas perípocas mais polémicas, especialmente naquelas que foram objecto de disputa entre a comunidade judaica e a comunidade cristã³. Neste caso estão os textos que veiculavam as esperanças messiânicas de Israel e aqueles que, no seio da comunidade neo-testamentária, constituíam a grelha de leitura ou o código interpretativo da vida e da condição messiânica de Jesus.

Dentre estes destaca-se o texto do 4.º Canto do Servo (Is 52,13-53,12), o qual, pela novidade da sua temática face ao seu contexto

¹ L. DIEZ MERINO, «Procedimientos tragúnicos», in *II Simposio Bíblico Español*, Valencia-Córdoba 1987, pp. 461-486.

² Cf. IDEM, 464; D. PATTE, *Early Jewish Hermeneutic in Palestine*, SBL, Missoula Montana 1975, pp. 55-81. Dentre os diversos princípios recordados por D. PATTE, assume particular importância, eu diria decisiva, o da «actualização da Escritura» (pp. 76 ss.), já que a comunidade judaica não se limita apenas a estruturar a sua vida de fé à luz da Escritura, mas acaba também por fazer uma leitura da Escritura à luz da sua vida e dos acontecimentos históricos que a envolvem.

³ As obras de JUSTINO são um exemplo claro desta 'conflituosidade' entre as duas comunidades, tanto no *Diálogo* como nas *Apologias*, sendo de destacar os textos vetero-testamentários que serviam de apoio à messianidade de Jesus.

e pelas alusões, explícitas ou implícitas, encontradas no Novo Testamento constitui, naturalmente, um ponto de referência em toda a teologia vetero-testamentária. Testemunhas disso mesmo são as ressonâncias que a sua teologia encontrou em outros textos do AT, bem como na literatura extra-bíblica, podendo destacar-se os temas do sofrimento (humilhação) e da glória (exaltação) do servo, assim como o da expiação, intercessão e justificação.

Ora, nenhum destes temas é pacífico no âmbito da teologia vetero-testamentária, razão que, só por si, justificaria já o tratamento singular que será dado a esta período na tradução targúmica. É à luz deste cenário que o Tg de Is 52,13-53,12 assume importância, podendo nós classificá-lo de protótipo e, simultaneamente, de «laboratório experimental» desta versão da Escritura.

1. O texto hebraico e a sua teologia

Não é nosso objectivo discutir aqui os conteúdos teológicos do texto massorético. A sua compreensão também, já por si, não é pacífica como o demonstra a história da sua exegese e da sua interpretação ao longo dos séculos⁴. Interessa-nos sim, antes de mais, realçar os núcleos temáticos mais significativos do texto, pois é na compreensão destes que a versão targúmica mais dificuldades manifesta.

Assim, a *humilhação-sofrimento*, apresentada em dois momentos e em contraposição à *exaltação-glória* do servo, está intercalada entre

⁴ Recordo a notável obra de A. NEUBAUER — S. R. DRIVER (ed.), *The Fifty-third Chapter of Isaiah According to the Jewish Interpreters*, I-II, New York 1969 (reedição), onde foram recolhidas as interpretações dos exegetas judeus ao longo dos séculos. No campo da exegese cristã, as perspectivas são igualmente diversas, podendo nós sintetizá-las no quadro seguinte:

a) *Interpretação colectiva:*

- . O Servo é Israel histórico;
- . O Servo é Israel escatológico;
- . O Servo é uma «personalidade corporativa»;
- . O Servo representa os justos de Israel (o Resto de Israel).

b) *Interpretação individual não messiânica:*

- . O Servo é um personagem do passado;
- . O Servo é um contemporâneo do hagiógrafo;
- . O Servo é um personagem do futuro.

c) *Interpretação individual messiânica:*

- . Interpretação histórico-messiânica;
- . Interpretação futuro-escatológica.

o anúncio (52,13) e a sua explicitação na parte final do canto (53,10bss). Na óptica do TH, a humilhação-sofrimento vem referida ao passado, como algo já acontecido, enquanto que a exaltação-glória se projecta no futuro, ou seja, como algo a acontecer. No entanto, não se trata, propriamente, de duas categorias temporais; passado e futuro são dois modos de referência para a descrição duma mesma realidade. Sem a narração da humilhação no passado, a exaltação não tinha qualquer sentido e, sem o anúncio futuro desta última, aquela carecia de significado. Temos assim uma interdependência mútua dos dois núcleos temáticos que se contrapõem não apenas na sua referência temporal, mas também no seu conteúdo significativo.

Quanto à exaltação, esta é apresentada no poema em dois momentos diferentes: 52,13.15 (anúncio de Iahwé sobre a exaltação futura) e 53,10b-12 (explicitação desse anúncio).

Este tema da exaltação, enquanto recompensa futura, constitui a novidade fundamental do texto, reservando ao Servo uma glorificação que o pensamento bíblico não conhecera até então. Os próprios termos em que ela está formulada deixa já antever a sua singularidade, abrindo assim novos horizontes à concepção teológica da imortalidade do justo.

Ora, tanto a humilhação como a exaltação, enquanto núcleos fundamentais do poema, constituem como que a pedra de toque, o 'barómetro' hermenêutico de qualquer versão do texto. Por eles passam todas as leituras hermenêuticas ou actualizantes da perícopa, bem como qualquer tentativa de identificação concreta do personagem do poema.

Todavia, tais leituras não resultam dum mero acaso ou de momentâneas especulações dos seus autores; bem ao contrário, acontecem num contexto histórico que as condiciona e para o qual pretendem constituir resposta, quer esta se situe numa perspectiva teológica ou se insira num contexto existencial determinado.

Se isto é verdade em qualquer versão do texto bíblico⁵, mais o é a respeito do *Targum* e, particularmente, dum texto polémico

⁵ Para demonstrá-lo bastará citar as mais antigas versões da Escritura, quer seja a dos LXX, quer as suas sucedâneas de Aquila, Símaco e Teodociação. De facto, não há uma tradução neutra, já que os seus objectivos são sempre condicionantes e, simultaneamente, criativos, pois face a novas situações importa encontrar no texto uma chave hermenêutica para as mesmas. A respeito da versão dos LXX, cf. P. GRELOT, *Les poèmes du Serviteur. De la lecture critique à l'herméneutique*, Paris 1981, pp. 82-86.

como é Is 52,13-53,12. De facto, esta perícopa reúne em si todos os «ingredientes» que fazem dela um caso ímpar e exemplar e que a propõem como protótipo duma hermenêutica condicionada. Tais condicionalismos estão bem patentes na sua versão targúmica, embora não seja fácil identificá-los historicamente. Se os *processos e recursos literários* são evidentes, já o mesmo não se pode afirmar acerca dos *pressupostos históricos* que lhe estão subjacentes. A intenção deste trabalho é contribuir, ainda que modestamente, para a sua clarificação, correndo, porventura, o risco de não alcançar os objectivos que nos propomos.

2. Pressupostos históricos do Tg de Is 53

A datação do *targum* dos profetas não é pacífica, remontando provavelmente à época dos *Amoraím*, sem prejuízo, naturalmente, de tradições anteriores que foram assumidas pela versão final do texto⁶. Não sendo fácil datá-lo, mais complexa se torna a tarefa de identificar as suas tradições, situá-las no tempo e definir o contexto histórico que está na sua génese. Há, de facto, elementos exteriores ao texto bíblico que impõem, na versão targúmica, uma compreensão própria do mesmo. Por isso, mais do que na tradução dos LXX, o *Targum* é uma «recomposição do texto» que tem uma lógica e uma coerência próprias, fruto das circunstâncias históricas que impuseram uma determinada leitura do texto no quadro da liturgia sinagoga, fornecendo deste modo uma pré-compreensão do seu conteúdo⁷.

⁶ De acordo com a opinião de R. LE DÉAUT, *Introduction à la littérature targumique*, 1^e partie, Roma 1966, p. 125, a autoridade do Tg dos Profetas «é já atestada por citações do começo do séc. IV (*Sanh* 94b)... e conservou, certamente, tradições exegéticas muito antigas». Algumas destas tradições poderiam ter sido já utilizadas em Qumran (cf. H. BROWN-LEE, «The Habakkuk Midrash and the Targum of Jonathan», in *JJS* 7 (1956) pp. 169-185).

⁷ Segundo S. H. LEVEY, *The Messiah: An Aramaic Interpretation. The Messianic Exegesis of the Targum*, Cincinnati 1974, 66, o *targum* «não é uma tradução, tal como não é um comentário livre e insignificante. Ele agarra-se às palavras e às frases do hebraico, ordinariamente à palavra ou à frase-chave do versículo e sobre essa base constrói a sua interpretação... O indício mais evidente do messianismo targúmico é aqui a modificação da concepção própria do Deutero-Isaías — a do Servo sofredor — para fazer dele uma personalidade sublime, esplêndida e agressiva, um campeão que pega em armas em defesa de Israel desprezado, tiranizado e sofredor, que exerce um poder destruidor contra os inimigos do povo e subjuga em seu proveito reis poderosos. Ele restaura também Israel na sua dignidade nacional, reconstrói o santuário, é um campeão da Torah, destrói aos pecadores o seu castigo e os lança na Geena».

Dentre essas circunstâncias históricas, duas há que são altamente condicionantes do seu quadro de leitura e que configuram a própria hermenêutica do texto: a polémica judeo-cristã sobre o messias e as derrotas judaicas dos anos 70 e 132, com a consequente destruição de Jerusalém, do templo, cessação do culto oficial e diáspora do povo de Israel.

Quanto à primeira, a polémica judeo-cristã, ela assenta no facto da comunidade cristã primitiva se ter servido do texto de Is 53 como grelha de leitura da vida de Jesus, especialmente no que concerne ao sentido da sua paixão e morte (Mt 8,17; 26,63; Act 8,32-33). O reconhecimento de Jesus crucificado como Servo sofredor e de Jesus ressuscitado como Servo glorioso e messias de Israel constitui o princípio de divergência entre as duas hermenêuticas: a judaica e a cristã. Para a comunidade judaica, reorganizada agora sobre a fidelidade à Torah e depois da destruição do Templo e das derrotas impostas pelos Romanos, era impossível manter intacta a tradição e a esperança messiânica a partir dum texto como Is 53, especialmente no que concerne ao sentido do sofrimento e humilhação. Assim, importava que a leitura cristã do poema fosse combatida no seu próprio terreno por uma outra leitura que constituísse ela mesma uma resposta efectiva às inquietações do povo de Israel. Antes de mais, impunha-se, por um lado, o abandono da tradução dos LXX, já que ela se tinha tornado a Bíblia da comunidade cristã e, por outro, encontrar uma chave de leitura messiânica que não entrasse em contradição com a imagem 'ortodoxa' do messias davídico, no que concerne à sua dimensão gloriosa.

Para tanto, o targumista recorreu a uma nova interpretação, desdobrando o quadro temático do texto. Assim, a humilhação, que no TH é referenciada ao passado, assume agora uma dupla perspectiva. Por um lado, a humilhação passada diz respeito a Israel e à sua atribulada história face às nações pagãs, enquanto que a humilhação futura recairá sobre as nações estrangeiras como castigo pela opressão que exerceram sobre o povo eleito. A tarefa do messias será pôr fim à humilhação dos exilados (dos dispersos do povo) e terá como objectivo castigar as nações estrangeiras, impondo-lhes um jugo pesado no futuro.

Quanto à exaltação, esta é interpretada também em dois momentos; um, tem uma referência ao passado e diz respeito ao domínio que as nações exerceram sobre Israel; o outro, aberto ao futuro,

exalta a vitória do messias sobre as nações, impondo-lhes severo castigo pela opressão que exerceram sobre Israel.

É evidente que esta leitura do texto e a sua aplicação a diferentes personagens e em diversos contextos não resulta dum mero acaso. Ela tem por trás de si todo um cenário de confronto e de luta contra os inimigos de Israel. Ora, esses inimigos não eram senão os Romanos, embora, em perspectivas de fé o fossem também os cristãos. Todavia, a interpretação targúmica pré-supõe um cenário mais de confronto violento do que ideológico. É certo que o judaísmo rabínico também se preocupa em defender-se do perigo que representava o cristianismo, ou seja, da ameaça interna, procurando mostrar que «Jesus de Nazaré não é nem o Servo sofredor, nem a 'luz das nações', nem o mediador da redenção que obtém pela sua morte o perdão dos pecados»⁸.

De facto, esperando o judaísmo, na sequência das revoltas contra Roma, uma libertação nacional, a qual tinha sido tentada em desespero de causa por Bar Kokbah, não era possível conceber agora que a mesma fosse alcançada através dum messias sofredor ou reduzida apenas a uma dimensão meramente espiritual⁹. Mais do que nunca, a esperança dum messias guerreiro e vencedor dos inimigos impunha-se e era a única forma de manter viva a identidade nacional face à diáspora imposta pelo imperador Adriano na sequência da derrota de Bar Kokbah.

Não restam dúvidas que face a tais acontecimentos, o texto torna-se apenas *pre-texto* para impor uma nova teologia messiânica, com a qual o texto nada tem a ver. Essa foi a obra do judaísmo rabínico, servindo-se das subtilezas dos seus métodos exegéticos e forçando uma leitura actualizante da Escritura em ordem a conferir um sentido novo ao texto original¹⁰. Neste aspecto, podemos

⁸ P. GRELOT, *Les poèmes du Serviteur*, p. 223.

⁹ Diversos autores apoiam a tese da dupla esperança messiânica de Israel, personificada em duas figuras messiânicas: o messias davídico e o messias sofredor. Assim, no período anterior ao cristianismo, os judeus esperariam um messias sofredor, identificado com o Servo de Is 53, sendo esta concepção alterada devido à polémica judeo-cristã (cf. H. H. ROWLEY, *The Suffering Servant and the Davidic Messiah*, Leiden 1950; E. TOAFF, «Il Messia figlio di Giuseppe», in *Annuario di Studi Ebraici*, 1964-65, Roma 1966, pp. 59-67; G. DIP, «Problema del Mesías paciente», in *Est. Eclesiásticas*, 43 (1968), pp. 155-179; J. HEINEMANN, «The Messiah of Ephraim and the Premature Exodus of the Tribe of Ephraim», in *HTR* 68 (1975) pp. 1-15).

¹⁰ O processo actualizante da Escritura não é exclusivo do Targum ou de qualquer versão antiga; é antes, um processo permanente de leitura, sempre marcado pelos condicionalismos históricos próprios de cada período. Para ilustrar esta afirmação basta

dizer que os Padres da Igreja fizeram algo semelhante, embora, como diz Grelot¹¹, eles tenham respeitado bem melhor a literalidade do texto, a sua coerência e lógica internas.

3. Processos literários do Tg de Is 53

Tendo como cenário os acontecimentos a que aludimos anteriormente, a teologia rabínica fez uma leitura de Is 52,13-53,12 de forma a encontrar no texto um apoio explícito para as esperanças messiânicas do povo de Israel. Para tanto, o targumista teve de seleccionar os temas do texto que se adequavam às suas pretensões, aplicando-os a diferentes personagens conforme os efeitos que deles pretendia obter. Assim, como o messias glorioso de Israel não era conciliável com a perspectiva do Servo humilhado que deve carregar e suportar as culpas dos demais, o targumista fez convergir para Ele apenas os traços de glória, reservando a humilhação para outros personagens.

Para além dos processos comuns a toda a versão targúmica, especialmente no que concerne às suas incidências de carácter litúrgico, aquele que mais acentuadamente caracteriza a versão aramaica de Is 53 é o da *dupla identificação do Servo*; não se trata já dum personagem, mas de diversos, reais ou figurados. Para alcançar tais objectivos, ele fez uma «atomização exegética do texto», desvinculando as suas partes do conjunto e ignorando pura e simplesmente o plano global do canto, bem como o projecto existencial que o mesmo descreve.

Para além desta alteração global de perspectiva, o targumista recorre a outros processos literários mais conformes às técnicas exegéticas do judaísmo rabínico, tais como:

- alteração das formas verbais e do sujeito da frase;
- mudanças dos sufixos pronominais;

constatar o que se passa com os exegetas judaicos que comentaram o texto de Is 53. Neste aspecto, são significativos os comentários dos autores contemporâneos dos confrontos entre judaísmo e cristianismo. Três períodos assumem particular realce: o das cruzadas, os sécs. xv e xvi (devido à perseguição movida aos judeus em Espanha e Portugal) e os meados do séc. xx (por causa do Holocausto). Nestas épocas, a leitura de Is 53 feita pelos exegetas judaicos torna-se particularmente violenta e agressiva em contraposição com a tradicional leitura do texto feita pela exegese cristã.

¹¹ P. GRELOT *Les poèmes du Serviteur*, p. 223.

- eliminação de possíveis antropomorfismos a respeito de Deus;
- concretizações imediatas acerca da situação de Israel;
- leitura diferente de alguns termos do TH.

3.1. *Análise de alguns versículos*

É particularmente nos versículos que aludem à humilhação e sofrimento do Servo que esta alteração mais se faz sentir, mostrando desta forma que o targumista encontrou grandes dificuldades na interpretação das dores do servo.

Assim, em 53,2, o *targum* identifica o sujeito (singular no TH) com os «justos» (צדיקים — no plural, estado enfático), o que significa logo uma aplicação directa do texto aos fiéis da sinagoga. Em seguida, o tradutor passa os verbos para o plural, tendo como sujeito ainda um plural (תולדת קודשא — gerações de santidade).

A 3.^a e 4.^a partes do versículo¹² voltam a ter o sujeito no singular, podendo subentender-se que se trata do messias, pelo que dum sentido negativo (TH) temos agora uma perspectiva positiva. Podemos dizer que 53,2 tem muito pouco a ver com o TH, já que as redundâncias introduzidas conferiram ao texto um outro significado que não tem nada a ver com o servo, mas antes com os «justos» e com o «messias». Por outro lado, não se trata duma constatação acerca do passado, mas sim duma projecção para o futuro, quando o rosto do messias testemunhará a sua glória e a sua santidade.

Quanto a 53,3, temos os mesmos processos; não se trata das dores do Servo, mas sim dos sofrimentos dos reinos pagãos que são apresentados numa perspectiva de futuro. Enquanto no TH o sujeito central do verso é o Servo, no *targum* são os pagãos e o estado miserável a que serão reduzidos. Para tanto, o tradutor introduziu um novo elemento na paráfrase: a *Shekinah* (a presença divina) que fora retirada do meio do povo, o que pode constituir uma alusão à destruição do templo como um facto já consumado.

O targumista dividiu o texto em diferentes partes, tornando-as quase autónomas entre si. Para tanto, serviu-se da partícula כִּי

¹² Devido talvez à complexidade do TH, 53,2 foi largamente comentado pelo targumista, com alteração constante do sujeito entre singular e plural, introduzindo aí novas figuras que nada têm a ver com o texto original.

(correspondente ao hebraico **בִּן**), com o que inicia um novo oráculo (à semelhança de 53,4 e 53,12) que nada tem a ver com o verso que o precede. No TH a humilhação era atribuída ao Servo, mas não podia ser agora referenciada ao messias, pelo que o targumista transformou **יְקָר כָּל מַלְכוּתָא** (glória, honra de todos os reinos) em sujeito de **יְפִסִּיק** (desprezar, interromper), o que implica toda a alteração da lógica interna do versículo. Este causativo de **פִּסַּק** supõe que é a acção do messias, na sua qualidade de chefe militar, que põe fim à glória dos reinos pagãos que tinham humilhado Israel no passado. Ora, a glória que isso lhes conferia será no futuro vingada pelo messias, aos quais imporá um pesado castigo.

No que diz respeito à introdução do termo *Shekinah* no contexto, ele aparece aí como uma interpretação do hebraico **פָּנִים**, tomado pelo tradutor como referido a Deus e considerado como um antropomorfismo que devia ser evitado. O judaísmo rabínico fazia disso um objectivo prioritário da sua teologia. Segundo esta, tanto os anjos do céu como os justos no mundo futuro são sustentados pelo brilho da *Shekinah* (Ex R 32,4; Ber 17a). O termo é frequente no *targum*, particularmente no *Onqelos* e sempre referido a Deus num esforço de manter a santidade do Seu nome e evitar qualquer antropomorfismo¹³.

Em relação a 53,4, temos igualmente um oráculo autónomo face ao versículo precedente, todo ele agora centrado na acção espiritual do messias em benefício do seu povo mediante o perdão e a intercessão. Esta reconversão do texto faz-se através de alterações do sujeito, que deixa de ser o servo para ser o messias. Este é aqui apresentado como um «sacerdote» que intercede e perdoa as faltas do povo, enquanto o Servo (no TH) apenas carrega e suporta as dores dos outros (dos **רֵבִים**). O targumista faz a leitura do TH a partir dum contexto de *Yom Kippur*, ou seja, tendo como cenário de fundo Lv 16¹⁴. Embora falte aqui o termo técnico da expiação (o verbo

¹³ Em dois passos do Tg Is (6,3 e 38,11) diz-se que a *Shekinah* se encontrava no templo; aqui estava o centro de Israel, o que confirma o Tg Nm 14,14 que fala da presença da *Shekinah* no meio do povo de Israel (cf. E. E. URBACH *The Sages. Their Concepts and Beliefs*, I, Jerusalém 1979 (2.ª ed.), pp. 37-65). De acordo com B. D. CHILTON «The Glory of Israel. The Theology and Provenience of the Isaiah Targum», in *JSOT-SS* 23 Sheffield 1983, pp. 92-93 e 95-96, esta passagem (e outras) do targum representa uma tradição muito antiga que pode remontar até ao período entre as duas revoltas (pp. 70-132).

¹⁴ Cf. R. LE DÉAUT, «Aspects de l'intercession dans le judaisme ancien», in *JSJ* 1 (1970), p. 47.

kappar — כִּפֶּר), todo o cenário da leitura targúmica aponta para a expiação, vista numa perspectiva de intercessão, como aliás o faz Filão de Alexandria¹⁵, projectando sobre um «nós» (Israel) a humilhação do Servo e fazendo realçar a intercessão do messias que confere ao povo o perdão dos seus pecados.

O tema da intercessão e da transferência das dores do Servo, ora para o Israel do passado, ora para os reinos pagãos no futuro, continua presente nos versículos seguintes: 53,5-7. Por outro lado, as funções do messias aparecem também realçadas e sempre em contraposição com a condição do povo. Há, efectivamente, uma duplicidade de sujeitos, o que implica uma reconversão constante dos verbos entre singular e plural, entre passado e futuro. Além disso, o targumista faz aqui abertamente uma *actualização da Escritura*, tentando interpretá-la à luz da nova situação em que o povo se encontra. As alusões à reconstrução do santuário (53,5) e o exílio do povo (53,6) concretizam muito bem esse princípio da actualização da Escritura. Até a própria imagem que o *targum* nos oferece do messias é copiada do rabino que instrói o povo no cumprimento da Torah (53,5: מְנַחֵם — disciplina, conduta) a fim de alcançar a paz. Em 53,10-12 realça-se de novo o ensinamento do messias que conduzirá os rebeldes à observância da Lei, o que não é facilmente compreensível se não tivermos em conta a perspectiva da teologia rabínica sobre a centralidade da Lei. Aquilo que no TH era como que a recompensa do Servo pelos seus sofrimentos converte-se agora em «funcionalidade» do messias, enumerando as suas tarefas futuras, umas em benefício do povo e outras para castigo dos pagãos.

3.2. *A missão do Servo e do Messias*

A interpretação messiânica dada ao texto de Is 52,13-53,12 pela versão targúmica não apresenta quaisquer dúvidas, tal é a forma como isso é explicitado logo no início (52,13): מְשִׁיחָא הָא יִצְלָח (eis que o meu Servo, o messias, prosperará). Todavia, a apresentação do messias é feita em termos de funcionalidade, ou seja, indicam-se funções e tarefas que ele deve realizar no futuro, sem nada dizer da sua identidade como tal. O targumista procurou

¹⁵ S. LYONNET «Expiation et intercession. A propos d'une traduction de Saint Jérôme», in *Bib* 40 (1959), pp. 895 ss.

fazer uma transferência da missão do servo para o messias, conferindo-lhe um alcance e um significado que aquele não tinha no TH. No entanto, ao fazê-lo, o targumista procurou apresentar um messias que oferecesse respostas concretas à situação presente do povo e, simultaneamente, correspondesse às mais genuínas esperanças de Israel. Neste sentido, a identificação do servo ao messias levada a cabo pela teologia rabínica parece ter como finalidade mostrar a superioridade do messias em relação aos grandes personagens da fé bíblica e criar o contexto adequado ao exercício da sua missão. Esta é definida em três parâmetros:

- vitória sobre os reinos pagãos (53,3.8);
- reconstrução do templo e imposição da Lei (53,5.11-12);
- intercessão e perdão para o povo de Israel (53,6-7).

Qualquer destas tarefas do messias é apresentada num contexto de exaltação, a qual assume uma dimensão muito concreta face às expectativas messiânicas nascidas da situação histórica que se seguiu à derrota de Bar Kokbah (em 132) e à destruição definitiva de Jerusalém e do templo. Neste sentido, ganham novo significado as constantes alusões que o *targum* faz à intercessão do messias, quando o TH continha apenas uma referência discreta. A razão pode estar no facto de já não haver culto oficial (sacrifícios nem sacerdócio), pois era aí que a expiação se fazia. Agora, essa função é transferida para a pessoa do messias, bem como o «perdão dos pecados». Esta era uma das componentes da nova aliança já anunciada pelos profetas para o futuro (Jr 31,34; Ez 36,25.29). Ora, o *targum* associa à figura do messias esta nova aliança, a qual assume um carácter essencialmente espiritual (Jr 31,31-34; Ez 36,23-28) e, sem negar este, é-lhe confiada também uma função temporal na linha do messianismo davídico-político. Assim, temos no Tg Is 53 um messias que abarca todas as componentes em ordem a realizar todas as esperanças messiânicas do povo de Israel:

- um messias temporal — guerreiro vitorioso que vence os inimigos do povo;
- um messias sacerdote — intercede e purifica o povo dos seus pecados;
- um messias profeta e mestre — instrui os demais no cumprimento da Lei (Torah).

4. Confronto conclusivo TH-Tg

O texto do Tg Is 52,13-53,12 constitui uma excepção singular à fidelidade que o Tg Is 40-66 mantém em relação ao texto hebraico. Isso é um indício claro da complexidade do texto em si e também da importância que o mesmo foi adquirindo ao longo dos séculos. Para isso, terão contribuído, decididamente, as circunstâncias históricas e sociais existentes no período da sua composição, quer se trate das suas tradições orais, quer da sua fixação por escrito.

Para aplicar o poema à pessoa do messias futuro, o *targum* necessitou de re-interpretar o canto através dum processo literário e da transferência das suas perspectivas teológicas. Assim, muitas das referências ao Servo que descreviam o seu passado de sofrimento convertem-se agora em manifestações do poder do messias que se concretizará no futuro. As dores e humilhações do servo são transferidas para quatro sujeitos distintos¹⁶:

- para os judeus que sofreram no passado (exílio: 52,14; 53,6);
- para os gentios e pagãos (53,3.8);
- para os que profanaram o templo com suas faltas (53,5);
- para os ímpios em geral (53,9).

Para além dos processos literários de que o targumista se serviu, a paráfrase aramaica de Is 53 situa-se ainda no âmbito da interpretação individual do texto, apesar da sua relação com o TH ser já muito ténue. De facto, já não se trata da descrição do projecto pessoal e existencial do Servo, mas antes da inenumeração das tarefas futuras do messias situadas, no geral, num contexto que é totalmente alheio ao original.

JOÃO LOURENÇO

¹⁶ Cf. R. A. AYTOUN, «The Servant of the Lord in the Targum», in *JTS* 23 (1922), pp. 173 ss.